

Ainda são pouco visíveis os efeitos práticos da lei que obriga os vendedores a receber as pilhas e os acumuladores usados das marcas que comercializam.

Consumo

A moeda única pode pôr termo à crise de identidade da Europa. Mas são razões eminentemente económicas que incitam a que se atinja a união monetária.

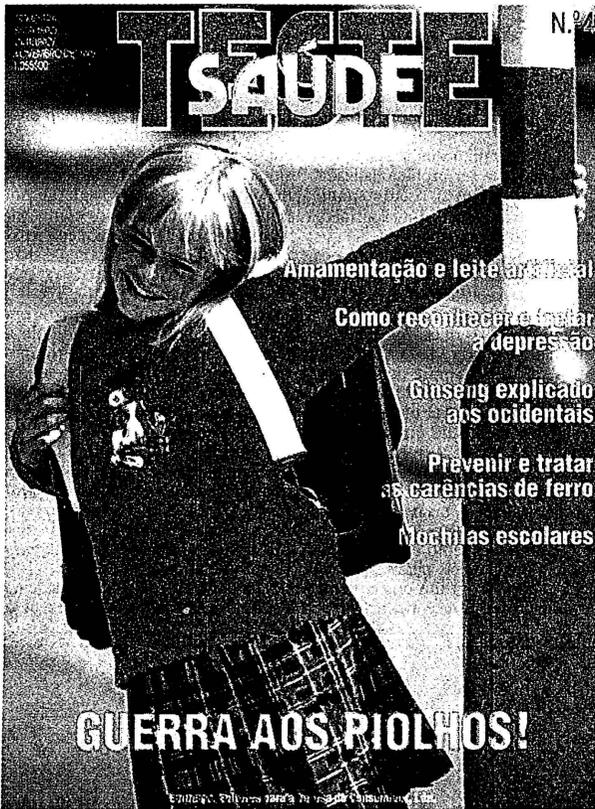
# TESTE SAÚDE: QUE NÃO SE PERCA A LUCIDEZ NA INFORMAÇÃO AO CONSUMIDOR



Beja Santos

São de aplaudir todos os projectos editoriais que se pautem pelo rigor, objectividade e clareza nos seus propósitos consumeristas. Temos aqui enaltecido a "jovem" revista "Teste Saúde", da EDIDECO, já que a informação do utente de saúde é frequentemente alvo de distorções, exploração da credulidade e até mesmo de escroqueria nalgumas publicações de índole puramente comercial (caso dos produtos que prometem reduções de peso prodigiosas, apologia de colchões ortopédicos, pulseiras magnéticas, cremes revitalizadores e tónicos...). Acaba de sair o n.º 4, cujo conteúdo é, no essencial, do maior interesse — como adiante se transcreverá informação sobre os produtos anti-piolhos e a recolha de baterias usadas — mas onde também se indica haver informação desproporcionada, como parece ser o caso da pormenorização acerca dos medicamentos mais importantes na luta contra a depressão, como se um deprimido pudesse reivindicar junto do médico alternativas aos tricíclicos, inibidores selectivos da recaptação da serotonina ou inibidores das monoaminooxidases... Vamos aos factos.

1. "Teste Saúde" analisou mais de uma dúzia de champôs, loções e cremes amaciadores anti-piolhos. Embora todos se revelem eficazes, a publicação recomenda os produtos à base de piretróides, por serem os menos tóxicos. Porque estes produtos são potencialmente tóxicos, pelo que devem ser vendidos em embalagens de plástico e com doseador (para evitar doses excessivas), já que uma embalagem com uma abertura larga, além de entornar mais facilmente, aumenta o risco de ingestão. Quanto a preços, "Teste Saúde" verificou que, de um modo geral, as loções são mais caras do que os champôs. Infelizmente, não há nenhum meio de prevenção eficaz contra os piolhos. Há que os eliminar quando



aparecem, pelo que se dão algumas recomendações:

- se o seu filho tiver piolhos, avise a escola e faça um tratamento a todos os membros da família. Não se esqueça, também, de desinfestar todos os locais que possam ser um ninho destes insectos (lençóis, mantas, etc.);
- para o tratamento propriamente dito, deve começar por ensopar os cabelos com champô. Massageie bem o couro cabeludo, principalmente na zona da nuca e junto às orelhas. Deixe actuar pelo menos 10 minutos, no caso dos produtos à base de piretróides, e quatro minutos para os champôs à base de lindano. Passe o cabelo por água e adicione vinagre à última enxaguadura, para descolar as lêndas. Repita o tratamento uma ou duas semanas depois;
- para desinfestar as roupas, deve-las lavar a 60° C.
- os pentes devem ser mergulha-

dos em água quente durante cinco a dez minutos, depois de serem usados.

Para mais informações acerca deste estudo envolvendo produtos anti-piolhos contacte Teste Saúde": Av. Eng.º Arantes e Oliveira, n.º 13, 1.º B, 1900 Lisboa. Telefone: (01)8410800, fax: (01)8410802.

2. Dispomos recentemente de legislação que incentiva a recolha selectiva de pilhas e acumuladores que contêm materiais perigosos. De acordo com esta lei, os vendedores são obrigados a receber as pilhas e os acumuladores usados das marcas que comercializam. Estes produtos devem ser entregues ao fabricante, que se encarregará de os enviar para reciclagem ou para locais onde possam ser destruídos sem dano ambiental.

Só que os efeitos práticos da lei ainda são pouco visíveis. E indispen-

sável que os fabricantes, vendedores e consumidores se consciencializem de que a recolha selectiva é fundamental para a preservação ambiental. A Tudor, por exemplo, já criou um sistema de recolha de baterias. E existem centros de recolha de baterias qualquer que seja a marca, como se exemplifica:

Região Norte: Rua D. João I, n.º 585, 4450 Matosinhos (telefone (02)9383979). Região Centro: Casal Ferrão, Estação Velha, 3000 Coimbra (telefone (039)22838); Sociedade Nacional de Metalurgia, EN 3, 2050 Vila Nova da Rainha (telefone (063)42974).

3. O texto "Como reconhecer e tratar a depressão" é didacticamente irrepresentável e identifica, tanto quanto nos é dado saber, os sinais e manifestações da depressão. A explicação quanto às diferenças entre ansiolíticos, hipnóticos, neurolépticos e antidepressivos também nos parece do maior interesse, até para dissuadir a automedicação. Agora, anunciar medicamentos na luta contra a depressão, referindo concretamente os princípios activos e dando exemplos de marcas, como tecendo comentários num domínio interdito ao uso nacional do medicamento, dado a prerrogativa inquestionável do médico, pode ser perigoso e confundir conhecimentos enciclopédicos inúteis como um convite insidioso a duvidar da eficácia do poder prescriptor. Gostava que os responsáveis pela publicação do estudo argumentassem a favor de uma informação ao utente em que se diz que um medicamento tricíclico da 2.ª geração difere do de 1.ª geração por apresentar menos problemas em caso de glaucoma, hipertrofia da próstata ou doenças cardiovasculares. Como nos parece completamente descabido exibir um quadro de preços, caso dos antidepressivos à base de fluoxitina. Alguns destes medicamentos tomados em doses erradas podem ser fatais ou provocar lesões irreversíveis. Para além deste discurso só interessar a prescritores (que, obviamente, não precisam de ler artigos de divulgação), não se estará a induzir o curioso por conhecimentos acerca das manifestações da depressão que com uns pozzinhos de informação se poderá sugerir ao médico, quando se está em território onde a "soberania do consumidor" não deve funcionar?

Deixam-se estas reflexões a quem se responsabilizar pelos estudos de "Teste Saúde".

## VAMOS VIVER EM EU(RO)FORIA

A introdução do euro vai afectar cerca de 250 milhões de cidadãos e alguns milhões de empresas de todas as dimensões. A introdução do euro decorrerá em três etapas: — no início de 1998, a União Monetária Europeia será uma realidade para os estados-membros que tiverem passado no seu "exame de admissão"; é o que provavelmente vai acontecer à Alemanha, França e outros cinco ou seis estados-membros de menor envergadura; — em 1 de Janeiro de 1999 os termos de troca entre o euro e as moedas nacionais serão definitivamente fixados. Os bancos terão três anos para se adaptarem e poderão a partir dessa data propor produtos em euro. Os particulares e as empresas poderão regularizar as suas operações escriturais (pagamentos, cheques, ordens permanentes) em euro. Pensa-se que as grandes empresas internacionais trocarão rapidamente o dinheiro

mo poderá redinamizar a economia.

Os problemas decorrentes da fase de transição têm a ver com os arredondamentos. Há quem sugira que o modo de ultrapassar a dificuldade criada pelos arredondamentos será a generalização do dinheiro electrónico. Mas as organizações de consumidores temem, contudo, que uma desmaterialização acentuada do dinheiro irá levantar mais constrangimentos aos consumidores vulneráveis. Inquéritos efectuados nomeadamente na Europa Central permitem supor que os partidários mais entusiastas pertencem a categoria das pessoas entre 35 e 44 anos. A eu(ro)foria será menor nos jovens entre 15 e 34 anos que exprimem reservas quanto aos benefícios do euro. Os que dizem prontamente serem favoráveis à União Monetária referem as vantagens do euro mais associadas ao seu dia-a-dia que aos aspectos macroeconómicos (efeitos positivos para as empresas) ou políticos (reforço das instâncias europeias), pois viajar será mais simples, acabarão as despesas com os câmbios e a comparação de preços praticados nos países vizinhos tornar-se-á mais simples.



Enfim, urge começar a debater-se quais as implicações do euro na vida dos consumidores. Noutros países já se iniciaram acções de sensibilização, tipo concursos juvenis subordinados ao tema "Por que o euro?", em que os participantes deverão desenvolver uma análise quanto às vantagens e desvantagens da moeda única, ou prevêem-se publicações de brochuras e artigos de difusão ampla, redigidos com a maior simplicidade e sempre que possível envolvendo professores, organizações de formação contínua, assistentes sociais, órgãos de comunicação social, etc. Vamos precisar deste tipo de acções de divulgação por forma a evitar injustiças, altas injustificadas de preços, e para que amortecemos os choques do período de transição (coabitação das duas moedas).

Quais as principais vantagens e dificuldades suscitadas pelo euro? A moeda única pode pôr termo à crise de identidade da Europa. Mas são razões eminentemente económicas que incitam a que se atinja a união monetária; — a nossa economia, no essencial, processa-se em países da União Europeia, pelo que há toda a vantagem em que as relações dos termos de troca estejam estabilizadas; — uma moeda estável atrai investidores estrangeiros; — as taxas de juro permanecerão baixas, o que para o consumidor significa empréstimos hipotecários e crédito ao consumo em condições abordáveis; — além disso, as baixas taxas de juro desencorajarão a poupança pelo que o acréscimo de consu-

mentos, a economia expressar-se-á em euro.

Deixam-se estas reflexões a quem se responsabilizar pelos estudos de "Teste Saúde".

TRIBUNA DE OPINIAO

# CONSIDERAÇÕES PENOSAS SOBRE O "DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO"

Emilio Peres

Em 16 de Outubro, pela 16.ª vez, celebra-se o "Dia Mundial da Alimentação". A data escolhida comemora a fundação da FAO, Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, já lá vão 51 anos, em 1945.

Criada com o propósito de implementar e desenvolver, à escala mundial, a produção agrícola, pecuária e piscícola, de modo a acabar com o flagelo da fome endémica (catástrofe historicamente recente, com menos de 200 anos), o lema inaugural da FAO foi "alimentos para todos". Curiosamente, mas sem que nos espante, esse foi exactamente o lema das celebrações do ano passado.

E com razão, porque 800 milhões de humanos continuam sem acesso ao mínimo alimentar para sobreviverem, apesar de 50 anos de boas intenções e esforços de governos (poucos) e de variadas classes de instituições (não muitas) e de abundante blá-blá improdutivo (como este texto).

Se formos optimistas, quisermos botar figura e tranquilizar a nossa consciência, podemos afirmar que agora tudo vai melhor, porque 800 milhões de famintos representam cerca de 14% da actual população da Terra, enquanto os 900 milhões, recensados em 1965, representavam

29% dos habitantes de então. Mas para ser verdadeiro há que introduzir duas correcções: Uma é descontar 1150 milhões de chineses que, nos últimos 30 anos, esconjuraram o espectro da fome e saíram da lista dos países pobres, mercê de perseverante política alimentar bem sucedida depois de várias tentativas falhadas por falta de apoio dos organismos internacionais que deveriam tê-lo dado.

Outra correcção necessária é descontar 500 milhões de europeus de Leste e Oeste que saíram de rastos da Segunda Guerra Mundial.

Infelizmente, temos de admitir que 51 anos de FAO e 16 anos de dias da alimentação não beneficiaram grande coisa os desertados deste Mundo, tecnicamente englobados no chamado Terceiro Mundo ou, como agora se começa a dizer, os perdedores no confronto entre Norte e Sul.

Poder-se contrapor, em termos globais, aos 30% de estomeados de há 30 anos os 14% ou 20% de agora, não esconde que a disponibilidade de alimento na África ao sul do Sara e na América do Sul está a deteriorar-se. De facto, há mais fome nas regiões de fome, e a tendência não é para melhorar.

NÃO FALTA COMIDA

Aquele negro quadro persiste apesar de não haver óbices científicos ou

técnicos para produzir alimentos necessários para todos os habitantes da Terra. Aliás, a actual produção alimentar está 14% acima das necessidades mundiais.

A questão é que o desenvolvimento e a acumulação de riqueza num pequeno número de países geram miséria em países colonizados para a monocultura, devastados por guerras, as vítimas de bloqueio político.

Em 1995, clamar por alimentos para todos, decorridos estes últimos 50 anos, que tanto orgulham o clube dos países ricos, dá que pensar. Tanto mais quanto nem o GAT panterrestre, nem a Política Agrícola Comum da Europa, visam enriquecer os mais pobres a abastecê-los com as suas próprias produções. Pelo contrário, esses acordos, em vez de incentivarem a produção regional ou nacional de alimentos necessários e ajustados culturalmente para a sua população, estabelecem, nuns casos, o abandono da terra e, noutros, a troca de cultivos preciosos localmente pela produção maciça e rentável de géneros (na óptica nutricional, tantas vezes supérfluos) a canalizar para os destinatários que definem a política mundial e que retiram lucros.

RESPEITAR OS ALIMENTOS

A fome persistirá e a catástrofe ecológica avizinhar-se-á mais depressa

e é mais grave com as terríveis monoculturas da vaca, da cana de açucareira, da beterraba, do café do sisal, etc., e com o esbanjamento de energia para transformar respeitáveis géneros alimentares naturais em discutíveis produtos processados, nomeadamente, todo o lixo alimentar que é consumido pelas populações urbanizadas, de países ricos e em desenvolvimento.

É insignificante a contrapartida pró-ecológica das embalagens "Green", das pilhas sem metais pesados ou da incineração de lixos.

Este ano, o "Dia Mundial da Alimentação" propõe-nos reflectir sobre o bom uso dos alimentos. A formulação é vaga mas deseja significar três ordens de questões, que podem traduzir-se por três perguntas ao leitor:

- (1) Por que razão bebe sumo de laranja e deita fora a estrutura fibrosa da fruta e, depois, vai comprar pílulas de fibras ou alimentos caríssimos (cujo processamento gasta um ror de energia) à base de farelo ou de fibras extraídas de plantas exóticas?
- (2) Por que razão come acima do preciso (cada português dispõe de 3400 calorias por dia e a média das suas necessidades ronda as 2400) e depois gasta rios de dinheiro e sofre horrores para emagrecer?
- (3) Por que não escolhe e combina balanceadamente os alimentos que

usa e não atende ao modo de cozinhar, à estrutura das refeições e à organização alimentar do dia?

É fácil responder às três perguntas: porque não o educaram; pelo contrário, indústria e comércio alimentares, (des)ordenação urbana, horários laborais e pouco dinheiro incentivaram-no a comer mal.

ESBANJAR MATA GENTE E DESTRÓI O MUNDO

Em 1992, a FAO, na celeberrima Conferência de Roma, e em 1995, no retumbante Simpósio de Quebec, que mereceram, discretas notícias à nossa comunicação social, tentou desnudada e fundamentalmente alertar os governos (171 presentes), as organizações não-governamentais (mais de 300) e os líderes de opinião (cerca de 340) para duas questões fundamentais: que o desenvolvimento (entenda-se, o desenvolvimento capitalista da produção e do geral do negócio financeiro) não pode desprezar o humano. Que, enquanto parte do Mundo morre de fome, outra parte, em crescimento, morre cada vez mais por se empanturrar.

Porque menos divulgada e ainda pouco consciencializada pelo público, nas sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento há que lutar contra a deterioração da qualidade do que se come contra a pouca a

atenção prestada ao próprio acto de comer e ao arranjo das refeições, e contra o desequilíbrio qualitativo e quantitativo do que se consome. E há que prestar atenção às perturbações do comportamento alimentar. E a FAO, em conjunto com a OMS, recomenda estudar profundamente as relações entre as "novas doenças" — obesidade, diabetes, da maturidade, enfarte do miocárdio, hipertensão arterial, cancro do cólon e cancro da mama, etc., e as práticas alimentares nefastas. E recomenda organizar, com urgência, programas coerentes para educação nutrio-alimentar e para adopção de estilos de vida saudáveis.

Que todos disponham da comida necessária é imperativo (alimentos para todos não faltam). Que se reinventem práticas alimentares saudáveis também é imperativo (porque o mau comer devasta os ricos e tende a corroer as práticas alimentares dos "ainda" não ocidentalizados).

A FAO, não o esqueçamos, organismo técnico da Organização das Nações Unidas, hoje com 171 membros, que teoricamente congrega o desejo unívoco de todos os povos, clama no deserto. Quem desertifica? Medite o leitor na resposta e na solução para bem de toda a humanidade. E, se não quiser pensar nos outros, verifique que a peçonha já empesta a sua casa.